



Albert Eckhout
Mameluca
267 x 160 cm
Museu Nacional da Dinamarca

Albert ECKHOUT

C.1610-c.1666

Pintor nascido em Groningen, Holanda. Era filho de Albert Eckhout e Marryen Roeleffs. Pouco se sabe sobre sua formação artística, mas acredita-se que o seu tio, Gheert Roeleffs, tenha sido, provavelmente, o seu iniciador nas artes. Não há confirmação sobre uma provável ligação entre o artista e Gebrand van den Eeckhout (1621-1674), discípulo de Rembrandt.

Albert Eckhout fez parte da comitiva científica e artística do Conde João Maurício de Nassau, juntamente com o também pintor Frans Post (1612-1680); o médico Willem Piso (1611-1678); Georg Marcgraf (1610-1643), astrônomo, cartógrafo e naturalista; o soldado e artista amador Zacharias Wagener (1614-1668); Frans Plante, filósofo, poeta e latinista; e outro astrônomo, Heinrich Cralitz, que, chegando ao Brasil, faleceu.

Maurício de Nassau reuniu artistas e cientistas com o objetivo de documentar o Novo Mundo, através da investigação e descrição da terra e dos habitantes. Assim, a ciência catalogava e os artistas retratavam.

Dessa maneira, o período nassoviano (1637-1644) produziu, no Brasil holandês (1630-1654), um registro decisivo e fundamental para a história da iconografia colonial, bem como das pesquisas científicas.

O conjunto da obra de Albert Eckhout destaca-se por duas características pictóricas: o naturalismo e o realismo. Portanto, os retratos da gente do Brasil (ameríndios/índigenas brasileiros, negros, mulatos/mestiços e mamelucos) compõem um registro etnográfico riquíssimo para o entendimento da formação e da identidade do povo brasileiro. Como também documentam a diversidade da fauna e da flora brasileiras.

As naturezas-mortas têm uma importância singular dentro da produção eckhoutiana. O detalhismo presente na representação das frutas e plantas reflete a influência da pintura holandesa do século XVII. O olhar holandês se pautava pela descrição micro das coisas e dos seres. Era uma época na qual ciência e arte caminhavam juntas.

Mameluca

A pintura da *Mameluca* é um emblema do estilo eckhoutiano. A pose da figura, equilibrando uma cesta e a outra mão segurando o vestido, assemelha-se a outras de suas pinturas. Nos retratos, verificam-se gestos passivos, em que se segura ou se levanta algo. É interessante observar o paradigma das composições eckhoutianas. Particularmente nos retratos em tamanho natural, as pessoas estão emolduradas, ora no lado direito ora no esquerdo, pela flora tropical. Enquanto isso, a pintura é elaborada com um primeiro plano elevado, em termos topográficos, promovendo, como recurso descritivo, a ampliação do horizonte e suas variações geográficas. Desse modo, o céu se mostra generoso em todas as suas telas. Esta característica faz parte da pintura holandesa de paisagem do século XVII. Nas composições de Eckhout, o céu tem uma proporção equivalente a 2/3 da tela.

Este quadro reflete o preciosismo dos detalhes da natureza e da mulher retratada, ou seja, do conteúdo etnográfico. A representação da mameluca nos coloca diante das nossas raízes étnicas. Portanto, temos uma obra na qual a mestiçagem de brancos e índios mostra toda sua beleza nativa.

No âmbito da fauna, no canto inferior esquerdo, encontram-se dois porquinhos-da-índia (*Cavia porcellus*). Ladeando a mameluca, um cajueiro (*Anacardium occidentale*), ao pé do qual há uma *Heliconia* nativa com flor alaranjada. Com relação ao cajueiro, é interessante observar que se trata de uma alegoria, pois, Eckhout pintou, numa única árvore, cajus amarelos e vermelhos. Entre os dados científicos de botânica, identificam-se, ainda, a *Jatropha* (flores brancas com folhas largas) e as flores azuis, classificadas como *Plumbago capensis*. Do lado esquerdo, apresenta-se a mamona (*Ricinus communis*). A mulher usa como adorno, nos cabelos, flores de laranjeira. Na cestaria, reconhecem-se flores de *Passiflora*, uma *Cucurbita* (amarela) e outras que não foram catalogadas.

A mameluca veste um vestido branco, que se supõe ser de algodão, com mangas brancas compridas bufantes, e possui como ornamentos belos brincos de ouro e pérolas; um colar de pedras e pérolas; pulseira de sementes; e um anel. Quanto à origem das jóias, especula-se que seja oriental, provenientes das Índias Orientais. Não se sabe ao certo se as jóias a pertenciam, se foram dadas por algum europeu ou se foram colocadas pictoricamente por Eckhout. Ao fundo, pode-se notar uma várzea de canaviais com matas remanescentes e casas, enfatizando-se, assim, o plantio da cana como atividade econômica.

Mas, a mameluca seria uma estilização de deusas gregas ou do padrão renascentista? Afinal, nela há um quê mítico ou não? Vale a interpretação do olhar e o que se pode apreender da arte como rede de significações.

Enquanto fato curioso de cunho social, lembremos Zacharias Wagener: "As mamelucas eram dotadas de um vigor físico talvez explicável pelo efeito da heterose ou mistura racial, filhas que eram de branco com índia. Gozavam de apreço e, freqüentemente, pelo casamento ou pelo concubinato, ascendiam a níveis sociais mais elevados" (Valladares e Mello Filho, 1989:119).



267 x 160 cm. Museu Nacional da Dinamarca.

FONTES:

WHITEHEAD, Peter James Palmer. *Um retrato do Brasil holandês do século XVII*. 1989.
VALLADARES, Clarival do Prado & MELLO FILHO, Luiz Emygídio de. *Albert Eckhout: a presença da Holanda no Brasil - século XVII*. 1989.

RB INSTITUTO
RICARDO
BRENNAND

Esta prancha pertence ao material didático do projeto educativo desenvolvido pelo Instituto Ricardo Brennand, por ocasião da exposição *Albert Eckhout volta ao Brasil 1644-2002*.

Apoio Cultural

